

A Grande Crise e outros textos de J.M. Keynes

Keynes foi um dos grandes economistas do século passado. Muitas das suas ideias foram divulgadas e estudadas e até utilizadas como suporte para a elaboração de políticas económicas, umas vezes correctamente, outras, sobretudo à medida que o sec. XX se aproximava do seu fim. Este livro (Relógio d'Água, Lisboa, 2009) é um óptimo auxiliar para nos recordarmos do pensamento muito mais vasto, abrangente e complexo a que muitos dos seus seguidores e até admiradores o resumiram.

Keynes foi um dos grandes economistas do século passado. Muitas das suas ideias foram divulgadas e estudadas e até utilizadas como suporte para a elaboração de políticas económicas, umas vezes correctamente, outras, sobretudo à medida que o sec. XX se aproximava do seu fim. Este livro (Relógio d'Água, Lisboa, 2009) é um óptimo auxiliar para nos recordarmos do pensamento muito mais vasto, abrangente e complexo a que muitos dos seus seguidores e até admiradores o resumiram.

É bem sabido que Keynes é um dos principais economistas do sec. XX, a par de J. A. Schumpeter. E que as ideias de ambos têm sido vulgarizadas até à exaustão, e defendidas frequentemente como panaceias para os problemas que nos afligem hoje. Em especial com Keynes foi amplamente divulgado na imprensa, televisão, artigos de opinião, uma certa vulgata que permitiu a difusão de um pensamento, mas, porque destinado às massas e aos leitores apressados, infelizmente se revelou pouco fiel ao rico, complexo, por vezes inconsistente pensamento do seu autor.

A edição em Portugal de um livro que tem o mérito de publicar textos de Keynes, em que o autor se encarrega ele mesmo de sintetizar a sua Teoria Geral do Juro, do Emprego e do Dinheiro, representa uma excelente oportunidade para rever esta teoria. Lamentavelmente o editor não pode reeditar a própria Teoria Geral, publicada no Brasil, pela primeira vez em língua portuguesa, com tradução de Fidelino de Figueiredo, em 1964.

Este livro revela-nos, através de textos publicados antes e depois da Teoria Geral, como conceitos fundamentais na construção do seu pensamento e hoje perfeitamente adquiridos como os de juro, de propensão para a liquidez, ou poupança e investimento, foram sendo construídos e afinados por ele.

E se o Emprego era talvez a principal preocupação de Keynes isso devia-se em grande medida à dimensão do desemprego atingida na Grande Depressão, numa altura em que perder o emprego era literalmente um problema quase de vida ou de morte. Por isso, quando fala da crise, Keynes está-se a referir a algo muito mais perverso e avassalador que a palavra crise significa hoje em dia. A queda do Produto em 1929-32 teve um efeito devastador que agora, mesmo que estejamos a assistir a uma queda importante do Produto, está muito longe de provocar efeitos que se assemelhem sequer de perto.

Porém, para o autor, a compreensão de um fenómeno que a teoria clássica não podia explicar era um desafio intelectual extremamente exigente, e por isso era mais importante o diagnóstico do que a cura. Esta a razão pela qual suspeitamos que muito do que por aí se toma por keynesiano, tais como políticas fiscais expansivas, seria um verdadeiro anátema para Keynes. "O que eu proponho é uma teoria que explica por que motivo a produção e o emprego são tão susceptíveis de variação. Não proporciona um remédio pronto a usar capaz de evitar tais flutuações e manter a produção a um nível óptimo estável." (pág. 197).

Ele estava bem consciente dos efeitos que uma expansão da massa monetária poderia ter sobre o nível de preços. E basta reler alguns dos ensaios agora publicados, para nos apercebermos da enorme preocupação que Keynes tinha pela inflação, que considerava algo indubitavelmente pernicioso para a actividade económica.

Noutros textos implicitamente Keynes pressupõe como situação ideal aquela em que as autoridades monetárias (não as autoridades fiscais) sem encarregavam de manter os preços estáveis. Provavelmente seria um apoiante da missão do Banco Central Europeu. Chega mesmo a citar Lenin. "Lenin tinha certamente razão. Não há meio mais subtil, mais seguro de derrubar a actual base da sociedade do que corromper a moeda." (pág. 53).

Mas se os seus seguidores quiseram fazer da sua teoria uma doutrina económica do crescimento, essa nunca foi a intenção de Keynes. Uma expansão fiscal indefinida no tempo nunca esteve na sua mente. Todo o seu esforço intelectual estava orientado para entender e procurar solucionar as variações temporárias do nível de emprego, e não para estabelecer uma política de pleno emprego permanente.

E isto é tanto mais verdade quanto Keynes, ao contrário de Schumpeter não parece ter apreendido os efeitos sobre o crescimento económico (de longo prazo) induzidos pela inovação. Schumpeter elaborou uma teoria económica que entendeu o funcionamento do capitalismo como um sistema condenado a crescer, em consequência da pressão sobre os gestores e empresários para inovarem em termos de processos, produtos, e mercados. E a inovação permanente seria simultaneamente o resultado e a causa do crescimento económico.

Ora em Keynes deparamos com um ensaio sobre o declínio demográfico que distingue entre “as invenções que permitem que uma unidade de capital dê origem a uma unidade de produto com recurso a menos trabalho do que antes e aquelas que levam a uma variação da quantidade de capital proporcionalmente superior à variação do produto resultante.” Para concluir “que não se torna claro se o resultado líquido das alterações provocadas pelas invenções faz variar a procura de capital por unidade de produto num sentido ou outro.” (pág. 162). Por outras palavras aqui Keynes admite que as invenções incorrem em aumentos da produtividade da mão-de-obra, mas que não é possível estabelecer se aumentam a eficiência marginal do capital.

Aqui e ali encontramos verdadeiras antecipações de conceitos que só mais tarde irão surgir na teoria económica: incerteza, risco, expectativa, e que desempenham no seu corpo teórico um papel fundamental.

Uma nota sobre uma função tão crucial na teoria keynesiana, a proporção decrescente do consumo em relação ao rendimento. Na situação económica actual, mais parece que a proporção se inverteu: quanto maior o rendimento maior o consumo, tantas vezes financiado por dívida. Só isto deveria levar os defensores de políticas ditas keynesianas a repensar os fundamentos em que assentam os seus argumentos.

Além disso, as elaborações intelectuais de Keynes, focalizadas que estavam nos agudíssimos problemas que caracterizavam a época, partem do postulado de economias fechadas. Ele era favorável ao comércio entre as nações, e afirma-o sem hesitações; simplesmente esse não era o seu mundo, e tinha outras coisas em que se preocupar. É por demais óbvio que no momento presente, em que as economias nacionais apresentam um grau de abertura raramente alcançado, os pressupostos em que assentam as ditas políticas keynesianas não se realizam.

Com duas ressalvas: quer as economias norte-americana e a economia europeia podem ser consideradas economias fechadas, porque o comércio externo pouco mais representa que 3 a 4 % do PIB. Outros países, como o Brasil ou a Índia poderão estar na mesma situação. Porém, as pequenas economias nacionais que compõem a União Europeia são muitíssimo abertas e integradas entre si, e onde ademais a circulação de mão-de-obra é livre; neste caso portanto, a abordagem de Keynes não é das mais propícias.

Estes são alguns aspectos que salientamos neste livro. Mas muitos mais poderão ser encontrados. Keynes debruçou-se sobre a demografia, sobre a inflação, sobre o *laissez-faire*. Em todos estes ensaios nos surgem úteis e boas reflexões.

Este livro, resultado de uma escolha de textos muito interessante, tem ainda uma excelente introdução e proveitosas notas do tradutor.

António Calado Lopes